



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

PAULO JOSÉ DE ALMEIDA MÉLO

A OMISSÃO FAMILIAR NO CONTEXTO ESCOLAR

ITABAIANA-PB

2014

PAULO JOSÉ DE ALMEIDA MÉLO

A OMISSÃO FAMILIAR NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Morgana

ITABAIANA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M523o Melo, Paulo Jose de Almeida
A Omissão Familiar no Contexto Escolar [manuscrito] :
algumas considerações / Paulo Jose de Almeida Melo. - 2015.
26 p.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Morgana Ligia de Farias Freire, PROEAD".

1. Educação escolar. 2. Família. 3. Qualidade educacional.
I. Título.

21. ed. CDD 370.1

PAULO JOSÉ DE ALMEIDA MÉLO

A OMISSÃO FAMILIAR NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 28 / 02 / 2014.



Profª Drª Morgana/UEPB

Orientadora



Prof./UEPB

Examinador



Prof./UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e a minha família.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que viabilizaram essa jornada, onde hoje vislumbro um horizonte superior, evado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Morgana Lígia de Farias Freire, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Para a educação ser transformadora na vida do educando, faz-se necessário equacionarmos algumas variáveis sendo elas: escola, educadores, qualidade de vida dos profissionais de educação, reconhecimento desses profissionais, política atual, contexto escolar, currículo dos professores, matriz curricular, projeto político pedagógico e a Família. Muitos têm sido os esforços para se equacionar uma educação de qualidade, mas pensa-se nas variáveis de maneira isolada, aplicando o que muitos denominam Refinamento Sucessivo (técnica utilizada por estrategistas e aplicada por alguns profissionais que lidam com gestão).

Cabe a família auxiliar na educação escolar do educando, lembrando que é essa família, a principal autora da educação de filhos, o que infelizmente passou a ser uma tarefa empurrada para a escola, que passa a ter um papel mais ativo quanto a educação que era para ser dada pela família. A família inverte os papéis sociais e passa a ser apenas a reprodutora da espécie, cabendo a escola além de educar, formar o caráter do educando e toda a sua base cultural. Isso leva os educandos a perda dessa interação com a família, passando essa a um papel mais tímido, mais apagado e muitas vezes omissa com seu filho na arte de educar, o que dava força ao dito popular “educação vem do berço”.

Embora alguns educadores tentem substituir a família omissa, pecam no quesito tempo para se criar vínculos afetivos com os educandos. Ressaltamos aqui que não é essa a função do educador, age erradamente quem assim pensa. É sabido que temos que oferecer o melhor a nossos educandos, como: atenção, carinho, respeito, dignidade, ética, e o bom exemplo, mas não esse lado afetivo que o fará substituir a professora pela mãe ou pai, que são as principais bases de uma família comum.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; família; qualidade; omissa.

ABSTRACT

For education be transformative in the student's life, it is necessary to equate some variables being them: school, teachers, quality of life for education professionals, recognition of these professionals, current policy, school environment, teachers' curriculum, curriculum, design political pedagogical and the Family. Many have been efforts to equate a quality education, but it is thought the variables in isolation, applying what many call Successive Refinement (technique used by strategists and applied by some professionals who deal with management).

It is family help education of the student, noting that this is family, lead author of parenting, which unfortunately has become a task pushed to the school, which now has a more active role as the education that was to be given by the family. The family reverses the social roles and becomes only the breeding of the species, leaving the school as well as educate, train the student's character and all its cultural base. This brings the students the loss of this interaction with family, passing this to a more timid role, duller and often silent with his son in the art of educating, giving strength to the popular saying "education is the cradle".

Although some educators try to replace the missing family, sin in the question time to create emotional bonds with the students. We stress here that this is not the function of the educator, wrong acts who thinks so. It is known that we have to offer the best to our students, such as: attention, affection, respect, dignity, ethics, and good example, but not this emotional side that will replace the teacher by the mother or father, who are the main bases a common family.

KEYWORDS:education; family; quality; silent.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CAPÍTULO I – A OMISSÃO FAMILIAR NO CONTEXTO ESCOLAR.....	10
1.1 O Fracasso Escolar – Uma premissa analítica.....	10
1.2 A Família e a Escola - Influências e Perspectivas Contratuais.....	11
1.3 A Família e a Escola – Instituições de base social.....	13
REFERÊNCIAS.....	15

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem que se dá no ambiente físico da escola envolve não somente professores e educadores, como se entende na maioria das vezes, mas engloba uma sistematização complexa que afeta elementos atrelados ao convívio social dos alunos, incluindo classe social, situação financeira, tal como elementos culturais, políticos, etc.

Deste modo, observamos que apenas a relação professor-aluno e aluno-professor não é suficiente para que o processo de ensino e aprendizagem ocorram de forma efetiva, muito menos para garantir a permanência e o sucesso dos alunos no ambiente escolar.

Para tal, supomos que a presença da família, de forma efetiva, não somente comparecendo à escola quando é solicitada, mas estabelecendo um elo permanente de acompanhamento dos alunos, e de afetividade e parceria não somente com os educadores, mas com todos aqueles que fazem o sistema educacional de determinada escola, é essencial não somente para o acesso dos alunos ao ambiente escolar, mas para o bom andamento do processo.

Porém, algumas vezes as famílias não cumprem com seu papel, deixando apenas a cunha da escola a responsabilidade pela educação dos alunos, por vezes indo além de conhecimentos científicos, mas tornando-se também a possível solucionadora das lacunas deixadas no ambiente familiar, seja a nível afetivo, educacional, ou até mesmo ético e moral.

Essa possível omissão das famílias e sobrecarga no trabalho da escola e dos educadores acaba gerando uma série de problemas que envolve os alunos numa situação de possível fracasso escolar, fracasso esse que não pode nem deve ser colocado apenas como responsabilidade da estrutura educacional, visto que é consequência de uma série de fatores, que envolve desde o contexto social-político-econômico-cultural em que está inserido, até a relação (parceira, ou não) entre família e escola.

Não significa dizer apenas que alunos provenientes de situações sociais menos favoráveis são solícitos a se perpetuarem em situações de fracasso no ambiente escolar, mas sim que a ausência da família, de forma eficiente e eficaz, no ambiente da escola, acompanhando o processo de ensino e aprendizagem, o comportamento, e o andamento dos alunos na escola podem se caracterizar como possíveis causadoras do fracasso escolar dos alunos.

Assim sendo, esse trabalho relata a importância da parceria entre família e escola no processo educacional, entendendo que a parceria entre essas duas esferas é essencial na obtenção de uma educação de qualidade, atentando ainda para o fato de que o sucesso dos alunos em relação a situações vinculadas ao ambiente escolar depende da responsabilidade e da boa atuação de todos os envolvidos no processo.

2 A OMISSÃO FAMILIAR NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 O Fracasso Escolar – Uma premissa analítica

As demandas caracterizadas dentro do âmbito escolar oportunizam a construção de infindos perfis que diante das atribuições analíticas das áreas ligadas às Ciências Humanas, Sociais e Educacionais que sejam capazes de mensurar o trajeto ora maléfico, ora benéfico desse contrato assegurado entre a sociedade e a escola, ou entre a família como representante legal desta sociedade e a escola por ela mesma, como representante das instituições educacionais que agregam diversos cidadãos, nas mais distintas faixas etárias e escolaridades.

Dentro do contexto escolar, e através de suas mediações como local do aprimoramento do saber, e da construção da reflexão e da criticidade, pode-se averiguar que, mesmo havendo um grande investimento através da política pública para a educação, através de seus incentivos e programas, tem-se observado que ainda há um fracasso que norteia todas as formas de avançar da escola, e esse caráter tem perturbado os pesquisadores da educação, que visam dirimir ou extinguir de vez esse modelo tóxico que se inseriu na articulação escolar, e que de forma tão agravante tornou-se capaz de corromper a imagem sócio educacional que a escola possui (BOSSA, 2002).

A partir do momento em que a sociedade atribuiu à escola a primazia da formação contextual pela configuração de ser nesta, o local de construção e do monitoramento da maturação do contexto educacional deste sujeito social que na escola está inserido, e que, sobre ele é criado uma grande responsabilidade, compreendeu-se que, as muitas angústias e fracassos dentro do sistema necessitam muito mais que um investimento financeiro precisam é ser modulados a partir da tendência do cuidado e do acompanhamento, reconhecendo todos os potenciais, mas demonstrando onde estão os erros (CORDIÉ, 1996, p.17).

O fracasso escolar tem sido considerado por muitos dos estudiosos da educação como uma patologia recente, advinda diretamente dos momentos finais do século XIX, instante em que a proposta escolar tornou-se obrigatória, modificando a forma com a qual a sociedade observava os comportamentos, as condutas e a consequências, promovendo mudanças radicais na sociedade.

Os muitos distúrbios que nos atingem não são frutos específicos das exigências sociais deste período contemporâneo. Anterior a esses ícones de agravos, tem-se que observar que em relação a uma sociedade que se fragiliza em outras áreas, precisamos entender que o produto

que é gerado dentro dela terá frutos opostos e para esses é que estão construídos os pilares que forjam a educação dos que caminham pela proposta escolar.

A forma com a qual os indivíduos sofrem pressões provocam de forma singular distúrbios que confrontam a história de cada ser cidadão. Nas disposições de Cordié (1996, p. 22), são as incentivações do modo que se aplica a aquisição da aprendizagem que se somam e projetam fracassos educacionais de cunho social tão alarmantes que alcançam a sociedade na sua essência.

Como num pressuposto analítico não se deve aferir ao educando a condição de gerador do fracasso. Pois, para receber esse educando como protagonista da evolução educacional a escola precisa está adequada em seus parâmetros aparentes, como nos inaparentes fortaleçam os potenciais e as competências de seu educando. Para que a conjuntura tríade fortalecida pelos ideais da escola – família – educando propicie bons resultados na sociedade (WEISS, 2007, p. 16).

Nessa trama, começa-se a enxergar que todos os compositores dessa tríade contribuem com uma parcela bastante significativa para o fracasso deste relacionamento de ensino e de aprendizagem.

Muitas vezes o fracasso do educando se encontra nas exigências administradas pela escola. Contudo, quando se constrói uma diagnose educacional comprometida com a real percepção, descobre-se de onde partem as reais fragilizações, facilitando o controle das diferenças e das disparidades.

Uma ocorrência que agrava a captação de informações diante da aprendizagem, aponta diretamente para a condição político econômica, pois, esses educandos se projetam com infundas necessidades e carências se projetando contra à diretrizes educacionais preestabelecidas pela sociedade (SCOZ, 1994, p. 81).

2.2 A Família e a Escola - Influências e Perspectivas Contratuais

Por anos tem-se discutido sobre a impetração da influenciada família sobre os aspectos educacionais. Na transição desses levantamentos compreende-se essa autonomia como base fortalecedora quanto a formação educacional da criança. Pois, como um ser social, a criança que hoje se encontra no seio da família mais tarde tornar-se-á um educando frequentando a escola.

Contudo, é na família que tudo começa a ser erigido, pois, como um grupo social, a família oportuniza a interação, a inclusão e a integração. É na família onde os vínculos são

fortalecidos, e as referências de moral e ética são depositados buscando a consolidação dos valores culturais, cognitivos e afetivos.

Estudos que juntam conhecimentos multigraduais comprovam que a família realmente favorece o bem estar de seus componentes, sem preocupação com a faixa etária, apenas com a condição de precisar favorecer materiais de uma melhor qualidade.

No mesmo patamar de responsabilidade em que está a família, também há uma parcela muito significativa da atuação da escola como coparticipante da construção do indivíduo, e deste para a sociedade como num contrato relacional que se completa.

Contudo, ao receberem estímulos de qualidades consideráveis no ambiente doméstico, as crianças são tendenciosas a possuírem uma produção escolar de excelente qualidade, pois, tudo foi condicionado diante da política do acompanhamento e do favorecimento do melhor momento, advindo da ação direta dos pais ou tutores, que se colocam à auxiliar na compreensão e na reflexão dos roteiros advindos da escola.

A presença marcante dessas figuras familiares constrói na criança o entendimento de não estar sozinha. Quando averigua-se um contexto familiar disperso ao dessa realidade benéfica apresentada anteriormente, o qual se torna indiferente e inconsistente, toma-se conhecimento de crianças em idade escolar que enfrentam gravíssimos problemas de aceitação, inclusão e integralização, possuem uma auto estima baixíssima, sentem-se deprimidos, melancólicos, desprezados e aquém de toda a situação. Pelo simples fato que não serem acompanhados no passo a passo por seus pais e familiares responsáveis, os quais são responsáveis são responsáveis pela valorização e validação dos enfrentamentos da criança na busca de sua aprendizagem.

O vínculo, a parceria e o bom relacionamento em primeiro plano entre os familiares durante o intercâmbio com a criança, e num segundo plano, levando essa criança a uma aprimoração relacional de ótima qualidade com seu professor, e esse com todos apoio da família indica que o contato e o *feedback* entre essa criança e seu educador já será construída com bases salutares e companheiras.

A família interliga de forma direta a escola, os professores e os alunos, por possuir um poder cultural tremendo. Além de possuir condições de transmitir a base dos conceitos relacionais primitivos. Na educação primária, a família imputa como serão administrados os papéis sociais de todos que se comprometem à formar. (BOCK, 1999).

Quando a aprendizagem é o objeto de estudo, é notório que, a presença assídua da família, colabora de forma bastante construtiva para a validação do conhecimento, do ensino e da aprendizagem na atmosfera da criança (SCOZ, 1994, p. 71 e 173).

As crianças de famílias ausentes além de se tornarem perdidas diante do ambiente educacional, são atingidas por severos sentimentos que desvinculam a real autonomia da escolarização e/ou do letramento demonstrando: desvalorização e carência afetiva, e nessas mazelas psicognitivas fomentam o aparecimento da: desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse. Que constituem obstáculos danosos à aprendizagem escolar.

2.3 A Família e a Escola – Instituições de base social

No âmbito social aplica-se à responsabilidade da escola ser uma instituição de grande importância, pois, assim como ao que se resguarda à família, é na escola que as formulações de vínculos e mediações entre o ser social e a sociedade na qual ele está inserido ocorrem.

Nessa multiplicidade de experiências cabe a escola a transmissão da cultura através de modelos sócio comportamentais ricos em valores éticos e morais, aos quais, através das metodologias aplicadas na escola oportunizam que a performance humanizadora ocorra provocando na criança adaptações a sua condição social coletiva, que compromete-se a aplicar mecanismos para com os quais a criança ir se educando ao passo que amadurece seu aspecto educacional.

O que ambas a instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão. (SZYMANZKI, 2009, p.98).

Nesta atmosfera que se origina, a criança que anteriormente imitara os comportamentos dos adultos comunicantes e relacionais que estiveram ao seu redor, passa a se posturar de forma autônoma e cognitiva, ao passo que amadurecem o físico e se apropriam dos subsídios transmitidos pela escola, buscando o auge de seu lugar na autonomia do grupo (MARIN, 1998).

Educar não pode apenas ter como dantes tivera, apenas o sentido de preparar para ser introduzido no grupo, como se as crianças fossem aprendendo o que os adultos faziam e quando faziam, e logo após ocupavam o lugar deles e tudo não passava de uma simples imitação, pois, em épocas retrogradadas não haviam instituições especializadas em oportunizar o diferencial, e tudo era repassado pelas experimentações da vida diária, sem a preocupação de como originou-se e para que realizar (BOCK, 1999).

Nas premissas do século XIX, pelo fato da escola ter passado por transformações que agregaram a sua constituição o fator universal para que todas as crianças fossem atendidas sem restrições dentro da sociedade (BOCK, 1999).

Nessas caracterizações históricas e sócio econômicas, a compreensão da importância da escola projeta a sua contribuição com as modificações sociais oportunizando a todos os homens o contexto das atribuições democráticas (BOCK, 1999).

Diante de tantos amadurecimentos, a escola foi adquirindo caracteres muito importantes para que hoje, dentro do contexto social pudesse ser colocada numa posição de destaque e de honra. Pois, ao passo que ela ocorre para a sociedade, também é sustentada por ela se habilitando a realizar funções tão necessárias e específicas (MARIN, 1998).

Por esse amadurecimento diante de toda essa trajetória dentro da sociedade prestando esse favor e esse benefício em trazer esclarecimento e luz às trevas, que a escola serve de medianeira entre as projeções infantis e juvenis, apropriando esses representantes sociais a ocuparem seus respectivos lugares quando amadurecerem, já que, a escola aprimora a percepção do ser humano, do homem social, do cidadão a estar aprimorado nas técnicas da linguagem oral, escrita e aritmética e ainda ser dotado de artifícios que fortalecem o amadurecimento relacional tornando o homem um indivíduo ímpar com configuração coletiva (BOCK, 1999).

As pesquisas que decorrem em ambientes escolares são inúmeras. No Brasil também não é diferente. Mas, devido a tantas especulações, o que tem se tornado agravante nessas validações amostrais têm sido os índices baixíssimos de produções dentro da comunidade estudantil diante inúmeras disparidades que vão desde a falta de disciplina até o rendimento escolar intelectual.

Tem se falado muito das condições precárias da qualidade de ensino devido ao desrespeito a qualidade de trabalho ao que casa ao materiais didático pedagógicos, que muitas vezes são sucateados ou inexistentes, o que enfatiza instantes de constante evasão e repetência (MARIN, 1998).

Detecta-se gritantes necessidades de reforma e melhorias nas condições prediais, desde a construção civil até a questão elétrico hidráulica. Os ambientes internos de amadurecimento educacional (bibliotecas, laboratórios experimentais e de informática, etc.) precisam estar mais adequados e presentes na vida educacional de cada educando (MARIN, 1998).

Como se não bastasse essas diversas disparidades administrativas, os dias atuais tem trazido um agravo muito perspicaz que tem causado grandes problemas na constituição salutar

da educação, que é a omissão dos pais, da família e dos tutores legais da vivência escolar e do acompanhamento da vida escolar do filho ao qual essa família depositou lá. Pois, as influências degradantes da família e as suas constantes propostas de desencontro tem desestruturado a escola fazendo com que todo o compromisso de educar muitas vezes seja perdido pela não percepção dos direitos e dos deveres, ou das normas e diretrizes que antes eram repassados pela família e percebidos pela escola.

Mas, hoje as competências se inverteram enquanto os agravos se instalaram ano após ano na escola, seja ela de qualquer modalidade de ensino ou de qualquer esfera. E o resgate dessa identidade não compete só à escola, mas à família e à sociedade. (MARIN, 1998; PENTEADO, 2006).

Tem se tornado muito difícil depois que se diagnostica a omissão familiar quanto as vivências escolares, pois, a família não se sente mais no compromisso de educar. E uma família desajustada se torna um celeiro para um educando rico em problemas e altamente bloqueado para ser resgatado à sua vida educacional salutar, pois, quando a família se posiciona a ajudar a escola toda a performance didático pedagógica se consolida e os pilares que sustentam as propostas de ensino e de aprendizagem começam a render saldos positivos (PENTEADO, 2006).

É dever da família estar presente apoiando o processo de escolarização de seu filho. Conduzindo a importância de cada momento promovido, conforme a configuração explicitada da legislação no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) em seus artigos 4º e 55 determina:

Art. 4º: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Art. 55: Os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

A participação da família é tão importante que após legisladores aplicam o passo a passo da conduta familiar ante sua criança escolar. É o que embasa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), em seus artigos 2º e 6º, os quais explicita a determinação de:

Art. 2º: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno

desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
Art. 6º: É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental.

Mediado por tantas exposições, torna-se claro que não é possível uma compreensão ampla do educando sem que se realize uma varredura no seu contexto família. Pois, a família exerce uma ação influenciadora muito sólida sobre a projeção de aprendizagem do educando. E o educador que possui uma visão aprimorada da família possui toda a ferramenta para desenvolver um trabalho diferenciado rico em competências e valores sendo capaz de mediar conhecimento de forma prazerosa e sólida.

3PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA

Como visto anteriormente, para que a aprendizagem ocorra de maneira significativa e eficaz dentro de todas as suas perspectivas, é necessário que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de maneira colaborativa, envolvendo não somente os profissionais da educação que trabalham na escola e acompanham os alunos, mas também as famílias que devem colocar em prática esse acompanhamentos nas residências e nas atividades extra escolares.

Embora por muito tempo a escola tenha sido e continue sendo considerada uma forma de se compensar o que ainda deixa a desejar no ambiente familiar, ou até mesmo que os professores sejam considerados como substitutos dos pais, devemos considerar que a escola deve exercer seu papel de ensinar, enquanto a família deve permanecer exercendo seu papel de educadora.

Para tal, é importante que os educadores estabeleçam uma relação de parceria e colaboração com as famílias. Vejamos as contribuições de Caetano:

A relação entre escola e família, como bem se sabe, ela é complexa, assimétrica e normalmente permeada de conflitos. Portanto, caberá aos educadores convertê-la em uma relação de parceria, já que, se prezam pela qualidade do ensino, não podem ignorar que carecem do envolvimento real dos pais. (CAETANO, 2009, p.54).

Deste modo, é importante que essa parceria se dê baseada na afetividade e na solidariedade, não tomando como ponto de partida que o aprendizado e as abordagens relacionadas a ética, costumes e valores morais, por exemplo, se deem através da imposição, rigorosidade e autoritarismo.

Segundo Prado (1981, p. 27) “A família influencia positivamente quando transmite afetividade, apoio e solidariedade e negativamente quando impõe normas através de leis, dos usos e dos costumes”.

Embora essa relação tenha que acontecer de forma colaborativa e parceira, é importante que todos os envolvidos neste processo entendam qual a função da família e qual a função da escola e da educação, para explicar as especificidades de cada um desses termos, podemos salientar as contribuições de Libâneo (2000) e Oliveira (1993):

A educação é o conjunto de ações, processos, influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupo na relação ativa com o ambiente natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2000, p. 22).

“Uma das principais funções da família é a função educacional e, que esta é a responsável por transmitir à criança os valores e padrões culturais do meio social em que está inserido”. (OLIVEIRA, 1993, p. 92).

As citações acima explicam que tanto a escola como a família tem a função de educar, sejam em estruturas puramente atreladas a conhecimentos científicos, ou sejam em abordagens atreladas a funções sociais, morais e a valores culturais, etc. Deste modo percebemos de forma ainda mais acentuada que o trabalho entre escola e família deve se dar de forma colaborativa e parceira.

Segundo Tiba “Os pais precisam estar atentos à questão da convivência familiar. Devem observar que os filhos não exigem ação dos pais o tempo todo. Mas exigem, a cada tempo, um pouco. Por isso, vale apenas atender no momento em que o filho solicita.” (2006, p. 15)

Complementando essa perspectiva, Ceccon (1986, p. 86) afirma que:

A educação não começa na escola. Ela começa muito antes e é influenciada por muitos fatores. Ao longo do seu desenvolvimento físico e intelectual a criança passa por várias fases nas quais a escola da vida, isto é, o ambiente familiar, as condições sócio-econômicas da família, o lugar onde se mora, o acesso a meios de informação, têm uma importância muito grande. Os primeiros anos são decisivos: estudos demonstram que a criança tem sua estrutura básica de personalidade definida até os dois anos de idade, muito antes, portanto, do período da escola obrigatória. (1986, p.86).

Apesar dos papéis de escola e família já serem amplamente discutidos e compreendidos a nível social, ainda ocorre o fato de que, como já discutimos anteriormente, a família não cumpre efetivamente com os papéis que lhe são atribuídos, o que, conseqüentemente, afeta o bom aprendizado que se dá na escola.

Para Caetano (2009):

Para os professores, é nítido nos dias atuais que os pais têm deixado de cumprir sua responsabilidade como educadores. Para tais profissionais da educação, eles vêm negligenciando o seu papel e buscam na escola muito

mais do que ela pode oferecer. A função da escola é distinta da dos pais, e, realmente, isso é uma realidade. (CAETANO, 2009, p. 19)

Diante da ausência imediata e eficaz, seja por parte dos pais, seja por parte da escola em relação ao andamento da criança no processo de ensino e aprendizagem, esse aluno, por vezes, não consegue desenvolver de forma eficaz as funções que lhes são atribuídas no ambiente da escola, e, diante da falta de acompanhamento dos responsáveis familiares, passa a se perpetuar numa situação de fracasso.

Deste modo, torna-se necessária a conceituação do que se entende, e de quem é esse sujeito escolar nos dias atuais.

3 O SUJEITO DO FRACASSO ESCOLAR

Muitas são as razões que podem determinar a ausência dos pais no ambiente escolar e no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem dos filhos, porém, salientamos que essa realidade não está atrelada somente à realidade educacional ao qual o aluno, e consequentemente sua família está inserido, mas também ao contexto sócio-histórico-político e econômico ao qual essa família pertence.

Para Scoz (1994, p. 81):

A pobreza dos alunos aparece com o forte determinante dos problemas de aprendizagem, todavia ressalta que sem querer negar que grande parte do fracasso de alguns alunos pode estar relacionada à pobreza material às que estão submetidos, é importante estar atento para que a baixa renda das famílias não seja utilizada como justificativa para o insucesso escolar das crianças, eximindo a escola, sua organização didático/ pedagógica, seus agentes e suas condições internas de qualquer responsabilidade.

Observamos assim que, na maioria das vezes, a pobreza, em relação a bens materiais e situações econômicas aparecem como um elemento preponderante na realidade desse sujeito do fracasso escolar, compreendemos ainda que muitas vezes essa pobreza é determinante, inclusive, para o mal planejamento familiar, que acaba gerando a ausência dos pais em momentos importantes na vida dos filhos, inclusive, dentro da escola.

Essa segregação de parte da sociedade, dividida entre os com melhores condições de vida e os com piores condições de vida, são provenientes do modelo de sociedade europeia que ainda permeiam as nossas sociedades até hoje.

De acordo com Senna (2007, p. 46):

A sociedade brasileira, a exemplo das cidades urbanas européias, segregou dois mundos distintos: um sinteticamente orientado por traços da cultura moderna imposta pela interferência européia, o outro formado à brasileira, com traços de culturas orais, de origem multiétnica. Formou-se uma cultura brasileira marginalizada pela fração branca da sociedade brasileira, mas não à sua sombra. Esses dois brasis ainda perduram no Brasil contemporâneo e o entrelugar ocupado pelo povo, desde cedo foi marcado pelo sentimento de exclusão.

Entendemos ainda que o termo “Excluídos”, entendidos, nos termos de Mattos e Facion (2008), caracterizam como sujeitos marginalizados, discriminados, considerados cidadãos em risco social. Do ponto de vista epistemológico, “os excluídos não são simplesmente sujeitos rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas do mercado

e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural. (WANDERLEY, 2007, p. 17-18).

É importante atentar, assim, que os alunos já estão inseridos numa situação de exclusão, marginalização e rejeição, mesmo antes de adentrar a escola, deste modo, compreendemos que essa situação não pode se perpetuar no ambiente da escola, visto que os profissionais da educação podem e devem procurar meios que estimulem a vinda e presença frequente dos pais na escola, buscando sanar, dentro do possível as falhas que ainda são deixadas à nível social, por vezes acomodando esses alunos e suas famílias numa situação de exclusão e fracasso que não possa ser modificada.

Ainda para Senna (2004, p. 55):

O problema se instaura quando a escola, e a própria sociedade, não reconhecem nesse sujeito marginalizado uma cultura, nem tampouco uma capacidade de aprender, pois só reconhecem o sujeito cartesiano e uma única forma de desenvolvimento e aprendizagem. Já se tomou por reconhecer verdadeiro somente o conhecimento que se produzisse por certos sujeitos sociais, edificados que fossem à imagem e semelhança de valores sociais rigidamente prescritos pela ordem cultural da sociedade moderna. Aos outros, legou-se a debilidade e a escravidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi importante à medida que demonstrou a necessidade de se observar o sistema educacional como uma prática que não se restringe às relações que ocorrem entre professores e alunos dentro do ambiente físico da escola, mas que deve se comprometer também com as características peculiares atreladas ao contexto em que sua clientela está inserida.

Tais características são importantes quando partimos do pressuposto de que a relação e parceria entre escola e família é importante para o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, o processo de aprendizagem acontece através da integração e da adaptação do ser humano ao seu ambiente escolar e social.

Ou seja, o processo de ensino e aprendizagem não acontece, estritamente, no ambiente físico da escola, mas envolve todo um contexto sócio-histórico-econômico e político, assim, a educação e seus atores deve estar compromissada em estabelecer uma relação de responsabilidade e apoio com as famílias para que o fracasso escolar, que assola tantas escolas e tantos alunos na atualidade, seja apenas um possível obstáculo que será superado através da relação mútua entre esses atores.

A criação e manutenção de uma rede de vínculos e, entre a família, que é o contexto inicial onde os alunos se inserem aprendendo a padrões de socialização, valores morais, e conhecimentos adquiridos durante sua experiência de vida primária. Assim, a família é fator indispensável em relação ao emocional dos alunos como também na aquisição de conhecimentos científicos.

Compreendemos assim que o apoio familiar ativo se reflete diretamente no futuro sucesso escolar dos alunos. Não tirando a responsabilidade da escola, que continua tendo essencial importância na formação do indivíduo, mas essa sintonia entre escola e família é fundamental para combater o fracasso escolar, garantindo não somente o acesso dos alunos ao ambiente escolar, mas também a permanência e conclusão com sucesso. Portanto, essa parceria é necessária para que estas sejam agentes facilitadoras do desenvolvimento pleno do educando.

Nesse sentido, concluímos assim que uma educação de qualidade deve estar atenta à problemática do fracasso escolar, não vendo a situação social e contextual dos alunos, por

mais complexa que seja, como um pressuposto de insucesso e/ou fracasso, mas como um caminho de reflexão e de possível transformação social, perseguindo os objetivos propostos.

Assim a escola e a família devem ter claro o que querem, buscarem atingir esse objetivo em conjunto, atuando em seus papéis e dentro de suas estruturas e responsabilidades sociais e institucionais, tornando o processo de ensino e aprendizagem agradável e eficaz para os alunos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1990.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9424, de dezembro de 1996.
- BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar** – um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002
- CAETANO, Luciana Maria. **Dinâmicas para reunião de pais**: Construindo a parceria na relação escola e família. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CECCON, Claudius. et al. **A vida na escola e a escola na vida**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1986
- CORDIÉ, Anny (1996). **Os atrasados não existem**: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos**, Para quê. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARIN, A. J. **Com o olhar nos professores**: Desafios para o enfrentamento das realidades escolares. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, 1998.
- MATTOS, C. L. G.; FACION, J. R. Exclusão: uma metacategoria nos estudos sobre educação. In: FACION, J. R. (org). **Inclusão Escolar e suas implicações**. 2ª Edição. Curitiba: Ibepex; 2008.
- OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia da educação**. -São Paulo: Ática, 1993.
- PRADO, Danda. **O que é família**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).
- PENTEADO, A. C. A. **Educação e Família**: uma união fundamental. Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/TEXT02.htm>. Acesso em: 18/02/2010
- SCOZ, Beatriz, **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 6Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SENNA, L. A. G. **De Vygotsky a Morin**: entre dois fundamentos da educação inclusiva. Informativo Técnico-Científico Espaço, INES, Rio de Janeiro, n. 22, p.53-58, junho/dezembro, 2004.

SENN, LAG. **Processos educacionais**: os lugares da educação na sociedade contemporânea. In: SENNA, LAG (org). Letramento: princípios e processos. Curitiba: Ibex. 2007.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Liber livro, 2009.

TIBA, Içami. Disciplina: **Limites na medida certa**. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

WANDERLEY, M. B. **Refletindo sobre a noção de exclusão**. In: SAWAIA, B. (org). As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 7ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes; 2007.

WEISS, Maria Lucia L. **Psicopedagogia Clínica** – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: 12ª edição, 2007.